

UMA LEITURA DO NOMADISMO E ANTINOMADISMO NO ROMANCE *A CAVERNA*, DE JOSÉ SARAMAGO: A DISCIPLINA COMO PRISÃO

Devalcir Leonardo (UNESPAR/FECILCAM)¹

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão acerca dos mecanismos disciplinares na sociedade moderna que impendem o fluxo migratório. Para aprofundar o tema em questão tomaremos as teorias de Michel Foucault, em especial a obra *Vigiar e Punir* (1987). Em oposição ao discurso condicionador, o escritor português José Saramago elabora obras literárias que buscam criar fissuras nos cárceres da sociedade contemporânea, seus personagens estão sempre em migração, em busca da própria essência do humano no mundo. A obra *A caverna* (2000) de Saramago apresenta o choque entre a temática do nomadismo e o antinomadismo na trama romanesca.

Palavras-chave: literatura; nomadismo; liberdade; disciplina.

Introdução

Os romances de José Saramago apresentam um painel da sociedade contemporânea, seus personagens são estrangeiros em seu país, pois procura compreender o passado com outra perspectiva histórica. Saramago reconta a história oficial e derruba mitos de heróis e de uma pátria suprema e gloriosa. Pode-se perceber esses fatos em um dos recursos utilizados para a construção dos romances: a criação de personagens esquecidas pela história oficial, como mulheres e homens que surgem das camadas desfavorecidas e simples do povo; personagens denominadas Maria, José, João, Baltasar, Blimunda, Pedro; homens e mulheres que apresentam um forte sentimento humanitário, carregado do desejo de desvendar os

¹ Mestre em Estudos Literários pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. Professor de literatura da Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão. E-mail: devalcirleonardo74@hotmail.com.

enigmas do mundo. Tais personagens são errantes caminheiros, apresentados ora como um Jesus Cristo humano, ora como uma mulher do povo com poderes mágicos (Blimunda); ou um idoso que sente a terra tremer (Pedro Orce); ou, ainda, um soldado maneta e criativo, mas determinado, em seu espírito, a contribuir na elaboração da máquina voadora (Baltasar). O que os une é o espírito errante, nômades ibéricos excluídos da Europa e do resto do mundo.

Essas personagens e outras, como Cipriano Algor, da obra *A caverna*, vivenciam a crise do mundo moderno, que descarta o sonho e a subjetividade da alma humana em detrimento da rapidez das máquinas, isto é, de um conceito de modernidade. Todas essas transformações suscitam mudanças no campo da ética, ocasionando uma inversão de valores no plano da solidariedade e criando um individualismo famigerado no mundo contemporâneo. Saramago representa essas situações atualizando alegorias ou criando metáforas, na perspectiva de proporcionar uma maior integração entre o homem e o seu meio social.

Uma imagem alegórica e arquetípica é a presença da caverna, o primeiro abrigo dos homens e a primeira manifestação de sedentarismo e adequação de um grupo social. Saramago retoma por meio alegórico o mito da caverna do filósofo Platão, atualizando o contexto e reafirmando o cunho pedagógico-reflexivo pela busca do conhecimento. Na obra *A caverna*, a família de Cipriano Algor vai vivenciar os conflitos entre o mundo sedentário, vigiado e controlado pelo Centro ou o mundo nômade da saída da caverna para busca das verdadeiras relações sociais baseadas na liberdade e solidariedade.

As correntes que aprisionaram os homens no decorrer da história tomaram muitos formatos, para elucidar essas prisões abordaremos os conceitos filosóficos de Michel Foucault, em especial a obra *Vigiar e Punir* (1987), para evidenciar os fios invisíveis do poder no controle social o pensador apresenta um percurso histórico desde a Antiguidade até a sociedade Moderna.

A tecnologia disciplinar e o controle do nomadismo

Segundo Foucault, em *Vigiar e Punir* e em *Microfísica do Poder*, podemos compreender, na história da humanidade, como o poder foi exercido para dominar os indivíduos, condicionando suas ações por meio do medo, seja ele aplicado por um soberano ou por um Deus. Em alguns casos, para expressar mais autoridade, somam-se forças divinas e políticas na aplicação de disciplinas para a formação baseada em valores que condicionam a vida humana.

Para Foucault, no decorrer da história da humanidade, o controle e a aplicação do poder moveram o pensamento de dominação. Para ele, “o poder funciona como que uma teia ou uma rede, constituídos os minúsculos nós que dariam a própria feição do tecido social”. Para compreender tal poder, ele estrutura três momentos diferentes da história em que se aplicou e aplica-se o poder como forma de domesticação do indivíduo.

Na Idade Clássica (XV e XVII), o poder vem de um soberano que decide quem vive e quem morre. Nesse tipo de poder, que é característico das sociedades absolutistas, pré-democráticas, o soberano coloca-se acima da lei, tornando-se a própria lei, cabendo-lhe matar legalmente um súdito. Os súditos, portanto, vivem por permissão do mandatário.

Segundo Foucault, a partir do final do século XVIII, que o modelo de punição, baseado na tortura pública dos condenados, começou a ser abolido, pois a “execução pública é vista então como uma fornalha em que se acende a violência”. Segundo o autor (1987, p. 12), “[...] em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo suplicado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado ao espetáculo. Desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal”. As mudanças ocorridas no interior dos governos monárquicos não foram por acaso, pois antigos métodos de punição, inaugurados na Idade Média, não correspondiam mais ao momento da história moderna. A Igreja considerava o corpo algo pecaminoso, principalmente o da mulher; justificava-se, portanto, a tortura como forma de correção espiritual, pois o que lhe preocupava era a alma.

Os governos monárquicos perceberam que a arte de governar não significava a punição pública dos delinquentes, por meio de métodos que levassem ao escárnio do corpo. Um bom governo passa a ser aquele que preserva o corpo de seus súditos, pois é do “corpo do rei” que emana o poder. Desse modo, os súditos acabam representados e disciplinados a partir de um corpo real. Para ilustrar o poder que o corpo passa a ter nessa segunda fase da história moderna, Foucault esclarece que é por meio do corpo que se dará a relação de poder, constituindo a “microfísica do poder”:

Poderíamos imaginar no pólo oposto o corpo do condenado; ele também tem seu estatuto jurídico; reclama seu cerimonial e impõe todo um discurso teórico não para fundamentar o “mais poder” que afeta a pessoa do soberano, mas para codificar o “menos poder” que marca os que são submetidos a uma punição. Na região mais sombria do campo político, o condenado desenha a figura simétrica e invertida do rei (Foucault 1987: 30, 31).

Na Idade Moderna, surgem as sociedades democráticas, contexto em que há uma homogeneização do poder por meio da disciplina sobre o corpo dos indivíduos. Foucault denomina as escolas, os quartéis, os conventos, as prisões, os hospitais, os hospícios, dentre outras de “instituições de seqüestros”, nas quais cada indivíduo controla a si próprio.

A sociedade disciplinar surge ao logo dos séculos XVII e XVIII, há uma mudança no exercício do poder, antes advindo de um soberano que decidia sobre a vida e a morte de seus súditos, para um poder exercido pelos próprios indivíduos mediante um constante processo de vigilância encontrado nas instituições de seqüestros citadas acima. Enquanto o poder da soberania, ou poder soberano

apropria-se e expia os bens e as riquezas dos súditos, o poder disciplinar não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade, segundo Foucault (1987: 153) “o poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior *adestrar*; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”.

Diante disso, a modalidade disciplinar do poder faz aumentar a utilidade dos indivíduos, faz crescer suas habilidades e suas aptidões. Segundo (Pogrebinschi 2004: 9), o poder disciplinar, com suas tecnologias de poder específicas, torna mais fortes todas as forças sociais, uma vez que leva ao aumento da produção, ao desenvolvimento da economia, à distribuição do ensino e à elevação da moral pública.

Com isso, muda-se a estratégia entre o poder soberano e o poder disciplinador. Segundo Pogrebinschi (2004: 9), o poder encarnava na figura do soberano e esse se encontrava, justamente por isso, no centro das relações de poder. Na hipótese do poder disciplinar, não há um centro único de poder e nem mesmo uma figura única que o encarna: o poder encontra-se nas periferias, distribuído e multiplicado em toda parte ao mesmo tempo, materializado que está nos corpos dos indivíduos a ele sujeitos.

No poder disciplinar, o poder é exercido por meio de uma extensa e ameaçadora visibilidade da pessoa do soberano, a quem todos devem conhecer e reconhecer posto sua autoridade ao centralizar os efeitos do poder. Ao contrário, no caso do poder disciplinar, essa relação se inverte. Conforme veremos mais adiante, o poder disciplinar deve manter-se na invisibilidade para funcionar, pois sua invisibilidade ressalta a visibilidade daqueles que a ele se sujeitam, de modo que a sua eficácia é constante e permanente (Pogrebinschi 2004: 10).

Para que haja um controle permanente do povo, as tecnologias disciplinares exerceram um papel fundamental no condicionamento da vida na sociedade moderna, seu papel é de adestrar os indivíduos para que convivam em um mundo marcado por grandes contradições. Essas contradições não são superadas, pois os indivíduos serão constantemente adestrados para a boa convivência social, tal adestramento será possível graças à força da nova tecnologia do poder, a disciplina. Para Foucault (1987: 153) o poder disciplinador toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.

Assim as sociedades democráticas criaram um condicionamento da vontade humana, sua prática e seu existir. Pois para Foucault (1987: 189) toda essa tecnologia de poder não se encontra em um único centro e não se aplica a um único grupo social, ela está ramificada em todo corpo social, pois a disciplina não pode ser identificada como uma instituição, nem como um aparelho, mas como um conjunto de procedimentos e de níveis de aplicação constituindo como uma anatomia do poder tecnológico.

Essas constatações de Foucault são mais explícitas a partir do século XVIII, quando as cidades passam por um rápido crescimento demográfico. Diante disso, como controlar as multidões diante das vitrines do capitalismo com um baixo custo

e, ao mesmo tempo, assegurar um alto grau de eficiência. Para isso, foi necessário criar normas e hierarquia e disseminar um sentimento contra o nomadismo, fazendo com que as instituições sirvam como instrumentos disciplinares entre as massas,

em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema. Esse triplo objetivo das disciplinas responde a uma conjuntura histórica bem conhecida. É por um lado a grande explosão demográfica do século XVIII: aumento da população flutuante (fixar é um dos primeiros objetivos da disciplina; é um processo de antinomadismo); mudança da escala quantitativa dos grupos que importa controlar ou manipular (Foucault 1987: 191, grifo nosso).

As técnicas encontradas para garantir a neutralização daqueles que contrariassem o estilo de viver das sociedades disciplinares foram eficientes, porém não menos violentas, apresentando sua atuação por outros meios tanto em relação aos excluídos ou delinquentes, por meio da força policial, quanto em relação aos outros indivíduos sociais, como estudantes e operários. Para manter a disciplina entre os estudantes, as escolas, por meio de sua arquitetura, anularam os motins; com relação aos operários, a construção de vilas operárias representou uma hierarquia e um distanciamento, objetivando a individualização dos sujeitos. A partir dessa constatação, Foucault (1987: 193) debate o contrapoder, “as disciplinas utilizarem processos de separação e de verticalidade, de introduzirem entre os diversos elementos de mesmo plano barreiras tão estanques quanto possível, de definirem redes hierárquicas precisas”.

Muitas vezes, nas sociedades disciplinares, os mecanismos de neutralização do poder devem ser aplicados de forma radical, para garantir um sentimento de pseudo-segurança, pois essa sociedade foi concebida por meio do medo. Diante disso, criou-se uma arquitetura básica que simulasse a estrutura de uma prisão. Foucault alerta para o modelo de estrutura social, que se parece com prisões, com fábricas, com hospitais, com escolas, todas elas com seus juízes e seus exames de conduta, “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com fábricas, com escolas, com os quartéis, com os hospitais e todos se pareçam com prisões?” (1987: 199).

Essa arquitetura baseada na coerção e no adestramento apresenta uma semelhança muito próxima a um zoológico. Os hospitais criados a partir dessa concepção arquitetônica também aplicaram, em suas práticas, o controle, para Foucault (1987: 174), “Cada um é trancado em uma gaiola, cada um à sua janela, respondendo o seu nome e se mostrando quando é perguntado, é a grande revista dos mortos e dos vivos”.

Todo esse processo de controle visa estabelecer dispositivos disciplinares que combatam os princípios contrários à sociedade disciplinar; portanto estabelecer uma ordem ao caos é uma forma de assegurar o controle. Conforme afirma Foucault

(1987: 175), “[...] Atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos ‘castigos’, da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem”.

Segundo Foucault (1987: 177), a grande descoberta, que representou uma espécie de “ovo de Colombo” no processo de formação e de consolidação de uma sociedade disciplinar, foi o Panóptico, criado no século XVIII, por Jeremy Bentham. Essa tecnologia de poder representou uma das gêneses das mais importantes da sociedade disciplinar. O Panóptico representa na forma arquitetônica do prédio um mecanismo de poder, bastando que o preso visualize a sombra de um suposto guarda que o observa de seu posto. A visibilidade é uma armadilha, pois aquilo que se vê torna-se a sua própria prisão.

Na Figura 01, a seguir, observa-se, a partir da prisão de Petite Roquette, o modelo panóptico em sua estrutura arquitetônica original. Diante dessa descoberta, esse modelo, que apresenta como sua principal arma a observação constante, passou a ser disseminado para outras instituições denominadas por Foucault “Instituições de seqüestro”, anteriormente mencionadas: escolas, fábricas, hospitais, mais recentemente as áreas de lazer como centro de compra.



Figura 01 – Fonte: Foucault (1987: 32)

A arquitetura das prisões e das escolas, dos hospitais e das fábricas, em toda sociedade que apresenta instituições que buscam disciplinar o poder, tornou-se visível e inverificável. Esse foi o grande salto de qualidade no exercício do poder; é nesse sentido que Foucault (1987: 178) ressalta a importância dessa nova arquitetura, o Panóptico induz no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.

A ruptura com o modelo de poder soberano fica latente na estratégia de seu exercício: quando alguém exercia o poder, fazia-o em nome do rei; o mandatário era visível e o poder estava localizado em uma pessoa. No caso do modelo panóptico, qualquer indivíduo (vigia) pode exercer o poder. Por isso, segundo Foucault (1987: 178), o panóptico é uma máquina maravilhosa, pois um indivíduo qualquer, quase

tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados.

O modelo foi considerado por Bentham como um sonho utópico, aplicável a todos os indivíduos na fabricação da disciplina. Para ele, seria o rompimento de todas as correntes e grades, proporcionando uma eficiência no exercício do poder, de modo que

[...] não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas. Bentham se maravilhava de que as instituições panópticas pudessem ser tão leves: fim das grades, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas, basta que as separações sejam nítidas e as aberturas bem distribuídas (Foucault 1987: 178, 179).

A busca por uma mudança no comportamento torna o Panóptico um laboratório do exercício do poder, pode-se perceber que a constante vigilância substituiu a força e a violência, pois para Foucault (1987: 180) por meio da observação os mecanismo disciplinadores ganham eficácia em capacidade de penetrar nos comportamentos humanos.

Como já estudado, o modelo panóptico constitui o mais importante instrumento normatizador da sociedade; essa eficiência é adquirida, além de tudo, com um menor custo econômico e político, pois sua função se aplica às outras instituições presentes no corpo social, pois

serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões (Foucault 1987: 171).

O conceito foucaultiano de microfísica do poder é perceptível a partir das estruturas panópticas, que estarão funcionando como uma teia invisível a olho nu, porém perceptível nas práticas sociais sob o controle de toda uma sociedade, pois, ao mesmo tempo em que um indivíduo vigia, também é vigiado, pois para Foucault (1987: 183) “a máquina de ver é uma espécie de câmara escura em que se espionam os indivíduos; ela torna-se um edifício transparente onde o exercício do poder é controlável pela sociedade inteira”.

Segundo o filósofo Michel Foucault, a vigilância do panóptico, a disciplina e o exame são todos dispositivos disciplinares que funcionam, como um laboratório de poder, proporcionando um aumento de saber em todas as suas frentes.

No entanto, com a atuação do poder disciplinar, os mecanismos de dominação e de normatização da sociedade não foram menos cruéis. Como se observou anteriormente, a diferença, com a criação de novas tecnologias de poder, foi que a disciplina passou a condicionar a vida humana. Sua atuação passou a ser direta e incisiva no corpo dos indivíduos, atuando de forma ramificada nos diversos aparelhos do estado (escola, hospital, prisão, hospícios etc.), sendo exercida por mãos invisíveis, mas atuando de forma visível nos sujeitos (crianças, desempregados, delinquentes, vagabundos etc.) que podem causar um desequilíbrio social, se não vigiados constantemente.

No romance *A caverna*, o mecanismo Panóptico que gera toda forma de disciplina encontra-se configurado na estrutura arquitetônica do Centro, um gigantesco centro de compra onde as tecnologias de poder são aplicadas na formação de indivíduos disciplinados para o convívio social. Nessa passagem, Cipriano admira o tamanho do Centro, que pode ser comparado às torres do Panóptico:

Cipriano Algor disse [...], é curioso que cada vez que olho cá de fora para o Centro tenho a impressão de que ele é maior do que a própria cidade, isto é, o Centro está dentro da cidade, mas é maior que a cidade, sendo uma parte é maior que o todo, provavelmente será porque é mais alto que os prédios que o cercam, mais alto que qualquer prédio da cidade, provavelmente porque desde o princípio tem estado a engolir ruas, praças, quarteirões inteiros (Saramago 2000: 259).

Segundo os conceitos filosóficos de Foucault, a partir de sua análise sobre a formação das sociedades disciplinares, o filósofo posiciona-se de forma pessimista, pois não observa mudanças no comportamento do indivíduo que foi e continua sendo domesticado pelos aparelhos do Estado e do mercado. Retomando a reflexão de Arendt (2007: 30), “A cada refeição que fazemos juntos, a liberdade é convidada a sentar-se. A cadeira permanece vazia, mas o lugar está posto”.

Foucault, portanto é pessimista, porém seu diagnóstico é real. Somente dessa forma ele acredita que será possível fazer da liberdade a motivação para criar novas formas de cultura, que nos conduzam à saída da prisão. Para que aconteça a superação das estruturas de poder disciplinador, os indivíduos devem trilhar por outras formas no convívio social, já que, como afirma Saramago (2000: 275) no romance: “Qualquer caminho que se tome vai dar ao Centro”.

A fuga da caverna: uma viagem sem término e destino

Quando Platão utilizou a alegoria do mito da caverna, em sua obra *A República*, ele buscava implementar uma forma de governo que estivesse em sintonia com os desejos do povo greco. Platão apresenta o debate com relação à democracia e

à aristocracia. Diante disso, Kothe (2002: 101), em sua obra *Fundamentos da Teoria Literária*, argumenta que,

[...] embora se contraponha à democracia, ele se contrapõe mais radicalmente à aristocracia de sangue. A democracia, ele a considera um bazar de variedades, onde todos querem dar palpite e mandar, o que acaba se transformando em uma anarquia, que propicia o surgimento do demagogo e do tirano. Como a aristocracia de sangue e a teocracia eram formas dominantes de governo naquela época e região, a sua opção por uma aristocracia do mérito era uma ruptura radical, algo que a direita brasileira do pós-64 chamava de “subversão da ordem”.

Desse modo, a alegoria da caverna serve para Platão como uma justificativa para implementar uma forma de governo, regida pelos filósofos, os detentores da sabedoria.

O uso da alegoria da caverna no romance de José Saramago retoma, nessa leitura, os pressupostos de organização social. Na trama do romance, tem-se a presença de uma família que está em conflito com um grandioso centro de compras, descrito no romance como Centro, a questão do espaço torna-se um elemento primordial para constituição das identidades subjetivas do homem na contemporaneidade, diante disso Marc afirma que:

Um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. [...] Os não-lugares são as vias aéreas, ferrovias, rodoviárias e os domicílios móveis moderados “meios de transportes” (aviões, trens, ônibus), são as grandes cadeias de hotéis, os parques de lazer [...] muitas vezes põe o indivíduo em contato com outra imagem de si mesmo (Marc 1994: 73, 74).

Diante destas questões existenciais para o homem moderno, José Saramago atualiza o mito platônico, apresentando como foco principal as diversas cavernas presentes na modernidade. Cavernas essas que podem ser traduzidas como: o trabalho, os relacionamentos, o consumo e a segurança. Para concretizar o conflito do homem moderno, o romance apresenta seis personagens: Cipriano Algor, Marçal Gacho, Marta, Isaura Estudiosa, o cão Achado e a criança de Marta. Ironicamente, Cipriano descobre que, dentro da caverna, também há seis pessoas acorrentadas e mortas. A partir desse momento, ele diz: “Essas pessoas somos nós”.

Com a exposição desse conflito, pretende-se refazer o caminho de Cipriano e de sua família para elucidar a leitura do mito da caverna, representando as relações sociais, culturais e econômicas na sociedade contemporânea.

Um fato emblemático apresentado no início do romance são os nomes das personagens. Aqui, Saramago apresenta indícios de que essas pessoas trazem consigo questionamentos, conflitos e desafios diante da vida. A postura de Cipriano diante dos fatos seria a de questionar, de debater, mas os aceita como dados. Um questionamento que se pode levantar é o de que Cipriano representa, de forma metafórica, a personagem que, no livro *A República*, saiu da caverna e tinha como missão contar aos outros que havia um mundo mais bonito, mais luminoso do que aquele da caverna, onde só havia sombra. Em muitas passagens do romance, percebe-se que Cipriano apresenta uma ambivalência em sua postura diante do gênero:

Marçal Gacho afastou discretamente a manga esquerda do casaco para olhar para o relógio, está preocupado porque sabe que de aqui para diante, quando entrarem na Cintura Industrial, as dificuldades aumentarão. O Sogro deu pelo gesto, mas deixou-se ficar calado, este seu gênero é um moço simpático, sem dúvida, mas é nervoso, da raça dos desassossegados de nascença, sempre inquieto com a passagem do tempo, mesmo se tem de sobra, caso que nunca parece saber o que lhe há-de pôr dentro, dentro do tempo (Saramago 2000: 13).

Percebe-se claramente o olhar de Cipriano diante das ocupações de Marçal, que é apresentado com a alcunha de *Gacho*, que significa a *parte do pescoço do boi onde se assenta a canga*. A partir dessa informação e com as atitudes de Marçal, pode-se acreditar que ele representa um dos escravos que ficaram na caverna. Vive para o trabalho, é um escravo do tempo, um escravo da disciplina, pois essa era sua função: ser o guardião do Centro. A atuação de Marçal na trama do romance é fazer que toda sua família vá morar no Centro, pois ele pleiteia um cargo como guarda residente. Pode-se ler, nessa atitude, que Marçal é quem busca disciplinar a família para conviver nessa nova ordem social. A grande caverna que Saramago propõe é o *shopping center*, o grande espaço em que se concretizam os valores do capitalismo. Segundo Bauman (1999: 16), no decorrer da história, muitos foram os *estranhos* desse mundo; aqueles que resolveram, de forma radical, contrapor-se às mazelas da sociedade moderna. Cipriano já se coloca como um personagem estranho começando pelo apelido que antecipa algo de anormal, um outro dado curioso é a comparação com os habitantes da alegoria da caverna em *A República*, Platão (2007: 243) descreve também como estranhos prisioneiros.

As atitudes de Cipriano são vistas como ambivalentes, pois, ao mesmo tempo em que rejeita a ideia de morar no Centro, vende suas mercadorias para esse mesmo Centro, até chegar o momento de ser descartado pelo próprio megaempreendimento. Quando a mercadoria de Cipriano é substituída por outro material mais resistente – o plástico – surge mais um tema platônico: a essência e a aparência. Cipriano, como oleiro, busca atingir uma essência em seu trabalho, pois sua mercadoria apresenta um valor sentimental, que representa o trabalho tradicional, transferido de seu avô

para seu pai e de seu pai para o filho. Diante disso, percebe-se, que, nessa sociedade moderna, o artesanal perde seu valor; o que vale é a quantidade da mercadoria com um custo menor de produção, um dos princípios da sociedade capitalista.

Os bonecos que Cipriano resolve fazer, com a ajuda de sua filha Marta, a fim de encontrar uma alternativa de sobrevivência, requerem de Cipriano um novo aprendizado diante da profissão. Após muito trabalho de pesquisa, no preparo de sua matéria-prima, ficam prontos seus bonecos. Mais uma vez, são reiterados os temas platônicos do simulacro. O Centro faz um pedido de 1200 bonecos e tanto Cipriano como Marta trabalham para terminar a encomenda. Nesse momento, percebemos que Cipriano volta à condição de escravo, no que se refere ao trabalho exaustivo, um trabalho que não emancipa, mas aliena. Segundo Kothe (2002: 135),

Uma fogueira, para manter-se, precisa ser realimentada constantemente: disso não se fala. Nesse mundo, trabalho não gera valor, e sim degradação. Mas quem quer que sempre de novo apareçam ilusões, aparências, sombras na parede? Será que um intuito é achar que é melhor ter sombras do que completa escuridão?

O forno da olaria abre a possibilidade de retomar a fogueira que ilumina e projeta as sombras na parede da caverna; as sombras, nesse caso, são os bonecos. Em algumas passagens, Cipriano se vê representado por eles:

[...] nem bobos, nem palhaços, nem esquimós nem enfermeira, nem assírios nem mandarins, figuras de qualquer pessoa, homem ou mulher, jovem ou velha, olhando-as pudesse dizer, Parecem-se comigo. E talvez que a vaidade de levar para casa uma representação tão fiel da imagem que de si próprio tem, venha à olaria e pergunte a Cipriano Algor quanto custa aquela figura de além, e Cipriano Algor dirá que essa não está para venda, e a pessoa perguntará porquê, e ele responderá, Porque sou eu (Saramago 2000: 153).

A partir dessa imagem, que constitui a simbologia dos bonecos, pois eles são as sombras do trabalho do protagonista, o próprio Cipriano acaba por se ver representado em seu trabalho. O problema é que os consumidores do Centro não reconhecem valor algum nas estátuas, somente duas senhoras de idade, que não moram no Centro, aceitam comprá-las. O Centro é o espaço do simulacro, ambiente em que as pessoas buscam conhecer apenas as sombras, ou seja, buscam o que é artificial,

[...] outra com letreiro que diz experimente sensações naturais, chuva, vento, e neve à discrição, uma muralha da china, um taj-mahal, uma pirâmide do egipto, um templo de Karnak, um aqueduto das águas livres que funcionam as vinte e quatro horas do dia, um convento de

mafra, uma torre dos clérigos, um fiorde, um céu de verão com nuvens brancas vagando, um lago, uma palmeira autêntica, um tiranossáurio em esqueleto, outro que parece vivo, um himalaia com seu evereste, um rio amazonas com índios, uma jangada de pedra, um cristo do corcovado, um cavalo de tróia, uma cadeira elétrica, um pelotão de execução, um anjo, a tocar trombeta, um satélite de comunicação, um cometa, uma galáxia, um anão grande, um gigante pequeno, enfim uma lista a tal ponto extensa de prodígios que nem oito anos de vida ociosa bastaria para os desfrutar com proveito, mesmo tendo nascido a pessoa no Centro e não tendo saído dele nunca para o mundo exterior (Saramago 2000: 308).

É nesse ambiente de simulacro que Cipriano Algor traduz o significado de sua alcunha: *prelúdio de uma febre*:

A luz trémula da lanterna varreu devagar a pedra branca, tocou de leve uns panos escuros, subiu, um corpo sentado o que ali estava. Ao lado dele, cobertos com os mesmos panos escuros, mais cinco corpos igualmente sentados, erectos todos com um espigão de ferro lhes tivesse entrado pelo crânio e os mantivesse atarraxados à pedra. [...] este é um homem, esta é uma mulher, três homens e três mulheres [...]. Então, devagar, muito devagar, como uma luz que não tivesse pressa de aparecer, mas que viesse para mostrar a verdade das coisas até aos seus mais escuros e recônditos desvãos, Cipriano Algor viu-se a entrar outra vez no forno da olaria [...] (Saramago 2000: 332).

Cipriano vai em busca de um outro mundo, resolve sair da grande caverna: o Centro, que alegoricamente sintetiza a ideologia capitalista. Como um grande filósofo, José Saramago não apresenta um mundo pronto. Sua postura como artista é fazer que ocorra o questionamento. Cipriano passa a trama toda do romance buscando conhecer-se, buscando sua sombra no trabalho, na família e no amor. Ele resolve dar um passo a mais, sair da caverna significa que essência alguma é obtida nesse mundo de sombra.

A imagem de toda a família, saindo em sua furgoneta, em busca de um outro mundo, revela, portanto, que todos estão livres:

Os preparativos ocuparam todo o dia seguinte. Primeiro de uma casa, logo da outra, Marta e Isaura escolheram o que acharam necessário para a viagem que não tem destino conhecido e que não sabe como nem onde terminará. A furgoneta foi carregada pelos homens, auxiliados ladridos de estímulo do Achado, [...] A furgoneta fez a manobra e desceu a ladeira. Chegando à estrada virou à esquerda. Marta chorava com os olhos secos, Isaura abraçava-a, enquanto o Achado se enroscava

a um canto do assento por não saber a quem acudir (Saramago 2000: 348, 349).

O reconhecimento de ser prisioneiro do mundo moderno faz com que toda a família de Cipriano rompa com uma vida socialmente definida, pessoas adestras para a boa convivência social, disciplinadas para o trabalho e mortas em suas subjetividades, a mudança é algo difícil para todos. Marta chora pelo que já passou, porém traz consigo um fruto novo da vida. Um importante teórico sobre nomadismo afirma que

O próprio da mudança é ser dolorosa e essencialmente traumática. Socialmente, ela se exprime através de tensões graves, e destruições de toda ordem a acompanham. É no vazio dessas destruições que se aninha a elaboração daquilo que está por nascer. A vida, portanto, é apreendida essencialmente como ruptura, movimento, mudança (Maffesoli 2001: 16).

O arquétipo da viagem que a família realiza em busca de outro mundo retoma uma das imagens mais primitivas que a humanidade realizou em toda sua existência: a viagem em busca de sua essência, em busca da verdade. O romance alerta para a peregrinação do ser humano; não se chega ao final da história, não se chega à completa realização do homem, pois, como se pode ver, o projeto de modernidade faliu em seus aspectos de inclusão do homem como soberano de seu destino e de sua história. A humanidade é condicionada a aceitar as coisas como sombras; o feitiço ainda está presente na modernidade, pois o capitalismo assume o lugar das religiões, e o templo para realização de seus rituais é o *shopping center*. Na sociedade moderna, o consumo passa a ser a única certeza da existência; a mercadoria, com seus feitiços, faz do homem uma marca, uma etiqueta.

José Saramago, ao atualizar o mito da caverna de Platão, realiza uma análise da sociedade moderna. Segundo o escritor, as pessoas vivem em uma grande caverna, seus desejos são movidos por sombras, essas sombras são ideologias que as alimentam todos os dias, mantendo-as afastadas do poder. A família de Cipriano Algor consegue superar suas amarras, deixando um exemplo de que outro mundo é possível. Para chegar a esse mundo, basta pegar uma carona nessa furgoneta, uma saída poética para um mundo marcado pelo caos e pela barbárie. Por isso, José Saramago vai além do mito da caverna; sua atitude como escritor é mostrar um mundo feito sobre o nada, sobre as sombras e despertar os leitores para um mundo feito de utopias, de valores que fazem sempre olhar para frente e dizer esses somos nós (Saramago 2000: 334, grifo nosso).

AN INTERPRETATION OF NOMADISM AND ANTINOMADISM IN THE NOVEL A CAVERNA BY JOSÉ SARAMAGO: DISCIPLINE AS A PRISON

Abstract: This article presents a reflection on the disciplinary tools used in modern society that leads to migratory flows. To deepen the issue we will take Michel Foucault's theories, particularly his work *Vigiar e Punir* (1987). Opposing to a conditioning speech, the Portuguese writer José Saramago produces literary work attempting to create fissures in the prison of contemporary society; his characters are always migrating in search of the very essence of the human being in the world. Saramago's work *A caverna* (2000) presents the clash of nomadism and antinomadism in his novel's plot.

Keywords: literature; nomadism; freedom; discipline.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Lígia M. Pondé Vassallo. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

KOTHE, Flávio R. *Fundamentos da teoria literária*. Brasília-DF: Ed. da Universidade de Brasília, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagem pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MARC, Augé. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. In. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo, n. 63 - 2004, disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=so102-644500400300008>. Acesso em: 20/09/2007.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Ciro Mioranza. 2 ed. São Paulo: Escala, 2007.

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/2012 E APROVADO EM 14/09/2012.